

MARRABENTA — uma história em construção

© "Porque voltou a ser nome sonante, a ter importância, tudo agora na música passou a ser marrabenta"... ou uma chegada na polémica já acesa sobre as origens da

PORQUE a marrabenta voltou a ser nome sonante, a ter importância, tudo agora na música moçambicana passou a ser marrabenta. Toda a gente toca (va) marrabenta, todos os grupos era a ela que dedicavam mais atenção... Temos o «pai da marrabenta» e até o «inventor» da marrabenta...

Por outro lado, várias localidades são chamadas o local de «maternidade» do famoso ritmo e a música que estaria na sua origem (Zukuta e Inharrime, para João Domingos; Xirromana e Marracuene, para Dillon Ndjindji majika e Cateembe para outros; e ainda Gaza e ele próprio para Matavele).

Para além disso temos desde «marrabenta para estrangeiro» até aos concursos nas «boites» e a

se transformasse: a marrabenta nascia.

Nascia e manter-se-ia durante algum tempo como um dos elementos da festa dos subúrbios, baseada nos «trovadores» que se deslocavam de festividade em festividade, com a sua viola de lata ou já viola da outra. Nascia como música citadina já não possível na realidade rural.

«HARMONIA», «HULA-HOOP» E «DJAMBO»

A intervenção de três grupos que, utilizando instrumentos normais em orquestras ligeiras europeias, procuram interpretar músicas tradicionais moçambicanas — o «Harmonia», o «Hula-Hoop» e o «Jambo» — e, assim introduzi-las nas festividades de vários tipos, vem dar

mentos nos jornais — e não só — que delas procuravam obter o mesmo fim: afirmar a cultura moçambicana — aquela que, em versão oficial, não existia —, faz chamar a atenção da cidade colonial para essa música.

A MARRABENTA NOS SALÕES COLONIAIS

Ao surgir a «descoberta» por Portugal do seu «multirracismo», a atenção sobre esse tipo de música já pode ser deixado aparecer e até aproveitado.

É o outro período da marrabenta. Das diferentes músicas interpretadas pelos grupos atrás referidos e que, por o serem com instrumentos de orquestra ocidental, podiam chegar à cidade dos colonos, a marrabenta tinha características especiais: a sua sensualidade e movimento atraíam sem existir a dificuldade em executar (mal) os seus passos, contrariamente à maior parte das outras.

A marrabenta entra então nos salões e, ao tornar-se «da moda» junto dos colonos, comercializa-se.

Passada a ser mal dançada, em breve também a própria música é «barbarizada» e passa à fase de «música de boite». Os primeiros discos produzidos em Portugal surgem e é esse novo subproduto da marrabenta que avança pelas «Europas»...

A partir daí, novas evoluções e involuções se processaram sem nos parecer valerem qualquer registo.

É neste período — e já avançado — que aparece divulgada uma variante de marrabenta, a «marrabenta de Marracuene», de ritmo diverso, que, na sua forma rural, parecia já existir há muito e centrada essencialmente no nome de Dillon Ndjindji.

Depois foi um período de quase desaparecimento até que, nos últimos tempos, ela de novo agora essencialmente em forma de «para estrangeiro ver», sofrendo piores tratamentos do que nunca.

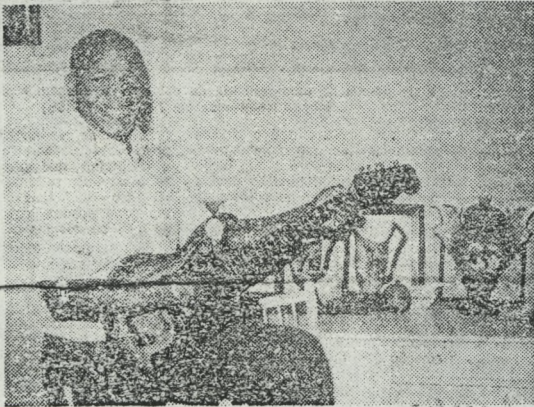
FANNY PFUMO, MAHECUANE, FELICIANO

Julgamos serem estas as fases principais — e bem distintas — da marrabenta.

Procuremos agora lembrar alguns nomes ligados às várias fases e sem esquecer que elas, evidente-



Lisboa Matavele: o inventor tardio



Francisco Mahecuane: o reformador da canção

sua entrada na Companhia Nacional de Canto e Dança (1).

Depois de tantos anos sem dar um arzinho de si é realmente um regresso se não em beleza pelo menos em força.

Sem pretensões de esgotar tal matéria ou de apresentar a palavra definitiva sobre tão «momentoso» assunto, acho ser na verdade de alguma importância o acerto de alguns factos e o poder vir a estabelecer-se a história da marrabenta — pois ela constitui uma das mais divulgadas expressões musicais moçambicanas. Para ajudar a isso, adianto alguns dados.

MÚSICA POPULAR — MÚSICA COLECTIVA

Partindo do princípio geralmente admitido de que uma música, canção ou dança popular nunca têm um autor individual detectável mas são produto duma colectividade, com chegadas dadas por este e por aquele ao longo dos tempos a sua adaptação e alteração de acordo com a nova realidade social em que se insere — caso resista e permaneça como valor nessa nova realidade, não se tendo abastardado ou desaparecido — é natural as várias «paternidades» reivindicadas, para além dos oportunismos evidentes.

Abandonada pois — por irreal — essa ideia de «a marrabenta é minha», convém tentar detectar o que é a marrabenta e a diviso, a separação existente dos seus vários períodos.

NASCE MÚSICA DA CIDADE

Música rural trazida para o centro urbano de Lourenço Marques — ou melhor, suburbano, visto que naquela altura os intérpretes e autores de tais músicas não tinham acesso à urbe propriamente dita — o encontro com essa outra realidade de social faz com que essa música, esse ritmo — fosse ele majika (2), zukuta, xirromana ou outro qualquer

uma nova dimensão à evolução da marrabenta, visto que, esta surgia naturalmente como uma das músicas por eles interpretadas.

Dentro desta fase a Associação Africana, através principalmente de um dos seus dirigentes, José Craveirinha, apercebendo-se do extremo interesse do que aqueles grupos estavam a fazer, e o que tal representava como afirmação da cultura moçambicana, inicia a sua apresentação em Sessões de Folclore (em princípios de 1961).

O vincar destas sessões por ele-

mente que não são estancos — chegaram a coexistir todas.

Dos «trovadores» — que entre outras músicas também cantavam e tocavam a marrabenta — lembramos Fanny Pfumo, Feliciano e Mahecuane.

Fanny Pfumo toda a gente conhece; muito dele se falou, felizmente. Radicado ao mesmo tempo que Pfumo na África do Sul, Feliciano, tal como ele também foi muito conhecido através dos 78 r.p.m. que gravou para a Gallo e da sua

transmissão pela emissora sul-africana.

É também essa editora que gravou Francisco Mahecuane, o «reformador da canção», que passava parte do seu tempo em Moçambique e parte na RAS, tendo produzido desde 1953 umas dezenas de 78 (3).

«INVENTOR» TARDIO

Lisboa Matavele, o agora auto-proclamado «inventor» da marrabenta, apenas bem mais tarde — e com o auxílio de Mahecuane — consegue algumas gravações na «Gallo». Aliás é o próprio Matavele que, na sua primeira entrevista em jornal («Notícias», «Luz e Som», 12/12/61) se declara discípulo de Mahecuane e de Feliciano — aqueles de quem diz agora «tocarem imitações dos discos dos gramofones».

Matavele esse que só surge com o grupo que cita — antes cantava acompanhado principalmente por Paulo — quando já do «Portugal multirracial» recebendo apoio oficial para a montagem de uma casa de diversão/boite de subúrbio das que então proliferaram para demonstrar ao mundo esse «multirracialismo», apoio esse renovado posteriormente para a sua divulgação pela Província de Moçambique no desempenho do mesmo papel.

«HARMONIA», O MAIS INSISTENTE

Parece-nos terem sido os três conjuntos citados, os grandes impulsionadores do conhecimento da marrabenta fora dos seus locais habituais.

Da marrabenta e não só, como já dissemos: Xiparatuana, xigombelnhena, xigubu, eram algumas das outras músicas tradicionais que eles divulgaram, quer nos espectáculos da Associação Africana, quer nas actuações de pura «farras»



Conjunto «João Domingos» antes «Hula-Hoop»: só se instala com mais força na marrabenta na fase da chegada dela aos salões coloniais

Ela é invenção do povo

— defendem alguns elementos que viveram a grande época do surgimento da marrabenta

por Moisés Mabunda

tória trução

a moçambicana a popular dança

como as no Espada, de Xipamane.

Parece também — através dos registos dos programas da época — que o conjunto mais voltado para a interpretação de marrabenta era o «Harmonia», ligado à Associação Africana.

O «Hula-Hoop» — mais tarde João Domingos — só se «instala» com mais força na marrabenta na fase da chegada dela aos salões coloniais. E o «Djambu» — ligado ao Centro Associativo dos Negros — dada a sua tendência de procurar «fazer» essencialmente jazz, não tinha nela uma base que lhe interessasse muito.

Destacar intérpretes destes conjuntos só em termos de marrabenta não é fácil pois, mas não se pode deixar de lembrar Rachid, Maria Emilia, Issulo, bailarinos-cantores-músicos do «Harmonia»; e Gonzana e João Domingos também bailarinos-cantores-músicos do «Hula-Hoop».

«AFRICA A NOITE»

Dentro desse divulgar da cultura moçambicana — e da marrabenta, consequentemente — é de registar as sessões musicais realizadas pelos conjuntos no Hotel Girassol (1960) e a primeira gravação dos mesmos feita e transmitida pelo Rádio Clube de Moçambique em Junho de 1961.

Ainda de notar que, quando já na fase «multirracial» foi possível ter um programa de rádio semanal ao vivo, «África à Noite», todos os sábados a noite, em que estes conjuntos iam actuar e fazendo-o sem abastardamentos.

A iniciativa deveu-se ao «homem da rádio» recentemente falecido nesta cidade, José Mendonça, com textos introdutórios — senão todos, quase todos, embora sem tal ser declarado — da autoria de José Craveirinha.

Os grupos da marrabenta nos salões não nos parece merecerem qualquer atenção — tratava-se de outra coisa, era a chamada «música para dançar» europeia, «música de noite».

Apenas talvez de notar que, devido à sua profissionalização e consequente necessidade de «acompanhar a nodas» dos clientes, «João Domingos», único grupo que resistiu, criou defeitos — defeitos em relação à sua verdade primeira — na interpretação da marrabenta muito difíceis de eliminar quando tem a oportunidade de poder tocá-la «a sério», mas ainda aquele que a quer tocar e toca «a sério».

HISTÓRIA QUE PODE (DEVE) SER FEITA

Existem, aqui mesmo em Maputo se não muitas pelo menos algumas pessoas que podem aprofundar bem toda a história da marrabenta — e sem só com a carga pessoal, a vida daqueles que a tocaram.

Parece-nos um trabalho que o leitor de «Dominio» gostaria de ver. Pela nossa parte, para além deste apontamento, deixava um nome imprescindível: José Craveirinha.

(1) No artigo sobre Ndindji saiu publicada uma foto de Baza «ensaiando» a marrabenta e os bailarinos estão com trajes guerreiros — talvez para um xigubu: nunca para uma marrabenta.

(2) Os dados que pessoalmente temos — de modo nenhum confirmados — apontam a majika (não confundir com a dança actual do mesmo nome).

(3) «Reformador» porque conforme declarava em entrevista: «usando os ritmos da marrabenta e doutras danças antigas criou novas canções e músicas» («Notícias», «Luz e Som», 2/5/61).

Júlio Navarro

ALGUMAS semanas após a publicação da entrevista com o músico veterano Lisboa Matavele, na qual este reivindicava para si a fundação da marrabenta, a polémica suscitada por essa entrevista está longe de estar terminada, antes recebeu novas contribuições, sobretudo depois da intervenção do famoso Dilon Ndindji, que, rejeitando as afirmações de Lisboa chamou a si a paternidade da famosa dança e dos acordes musicais que lhe dão corpo. «Quando vi aquela entrevista do Lisboa nesse dia não jantei. Lisboa nunca tocou marrabenta, sempre tocou magatsutsa e a marrabenta existe desde mil novecentos e quarenta e tal e não desde 1960 como ele disse», esta foi a reacção de Dilon Ndindji.

E outras reacções, por aí fora, aconteceram. Muitas são as pessoas que não acreditam nem com um nem com o outro. «A marra-



Guideon Matsinhe

benta surgiu com o tempo, ninguém a inventou», dizem peremptórios.

Do nosso arquivo, pouco há que fale exactamente sobre a origem desta dança: a marrabenta. O material que encontramos reporta as várias disputas havidas pelo lugar de «rei» e não de inventor. Constantemente, como protagonistas nomes de músicos, casos dos conjuntos Djambu, Harmonia, João Domingos, Dilon Ndindji, Fany Mplumo e alguns outros poucos.

Uma vez mais demos uma pequena volta. Conversámos com dois nomes sonantes no panorama musical: aliás na marrabenta. Um como músico de então, e de agora. Outro como trabalhador, na altura e agora, da Rádio. Trata-se de Moisés Ribeiro, co-fundador do

Djambu, e de Guideon de Vasconcelos Matsinhe, trabalhador de então Rádio Clube de Moçambique, hoje Rádio Moçambique.

Cada um deles tem a sua versão. Mas, realmente, é caso para reflectir, talvez em voz alta: ó pá, ó marrabenta, afinal de onde é que tu vens?...

Guideon de Vasconcelos Matsinhe, pouco mais de 60 anos, trabalhador, primeiro da Rádio Clube de Moçambique e, depois, da Rádio Moçambique, desde o distante ano de 1961 e paralelamente a uma entrevista do já desaparecido grupo «Dramático» aceitou falar-nos sobre o assunto:

MARRABENTA SURTIU COM O TEMPO

Ele conta que a marrabenta, como é natural, como outras danças da parte sul do país, segundo ele, apareceu mais ou menos em 1950/1951 e popularizou-se a partir de 1960/1. Na altura, 50/1, havia mabandidos («bandidos») que tocavam gaitas e corriam pelas ruas, nos dias de laser, sábados e domingos. Esses mabandidos, claro, eram violentos e, a agredirem a alguém, arrebatavam-lhe mesmo e ou jazia morto ou recuperava no hospital. Assim ficou popular que «culdado vão arrebatarte» e quando estavam, os mabandidos, a tocar, dizia-se os «marrabentas, os marrabentas». Passado algum tempo, as pessoas começaram a chamar de marrabenta aquilo que os mabandidos tocavam. Porém, as pessoas a pouco e pouco foram gostando da dança e muito rapidamente chegou à violência.

Guideon Matsinhe frisa que seria mentira afirmar que foi fulano ou sicrano que inventou a marrabenta. Marrabenta é uma dança que apareceu com a própria época. Mesmo o «chucuet, chucuet» não foi o Baza, Baza quem o criou, apareceu com a própria época.

Lisboa Matavele, segundo o ex-baterista do «Dramático», apareceu depois do surgimento e circulação da marrabenta. O que ele pode dizer que orgulha disso, é o «magatsutsa», um tipo de dança. Ele nunca dançou marrabenta.

Antes da marrabenta, prossegue Matsinhe, havia uma outra dança, «ximeliana dzukuta», um pouco parecida com a marrabenta e que a deu origem. Eu defendo que a marrabenta é uma dança que apareceu com a época, ninguém a inventou, as danças aparecem conforme as épocas. Nem foi o falecido Fany Mplumo, nem o Djambu, nem Dilon Ndindji, nem João Domingos. Ninguém.

Marrabenta é a evolução de uma série de danças que se pratica-



vam na altura, embora tenha surgido com os mabandidos. Estes conjuntos que mecionou a muitos outros popularizaram-na ao nível de Lourenço Marques e o programa «África Nolte», na então Rádio Clube, divulgou-a a nível nacional.

FOI O POVO QUE INVENTOU A MARRABENTA

Moisés Ribeiro, 62 anos, co-fundador do Djambu, nos princípios da década de cinquenta, defende outra versão: Não há fundador da marrabenta, marrabenta surgiu com o povo e do povo.

Moisés Ribeiro afirma que, neste momento, há muitos músicos



Moisés Ribeiro

que, por verem a evolução da marrabenta, o seu crescimento, que, rem aproveitar o momento para terem fama. Fama de criadores, compete.

— A marrabenta surgiu do povo e antes nem se chamava marrabenta. Teve duas fases: primeiro

foi «dzukuta», «ximeliana dzukuta», que vem de Nondzana, uma região em Marracuene, e isso divulgou-se muito até que as pessoas começaram a imitar. Havia uma pessoa que tocava muitas músicas, chamada Mucafana. Tocava todo o género de música. Era um indivíduo muito habilidoso, em qualquer lugar e circunstâncias ele inventava uma música. Este e um outro senhor chamado Zaguela, um grande marabista, foram os grandes difusores do «dzukuta». E a segunda fase, mais tarde, é o aparecimento do «dzukuta», do «plungula kaavalia» (rebole a melancia). Uma dança que se executava, mexendo o rabo, muito mais para as mulheres. Daí apareceu a marrabenta, estilizando o «plungula». Eu era criança, mas recordo-me bem, isso foi nos anos trinta, não hoje como falam outros.

Isto tornou-se mais popular quando nós, «Harmonia», «Djambu», «João Domingos», «Moçambique», «Konbo», fomos convidados para actuar num programa especial, «África Noite». Nessa altura muita gente não sabia o que era a marrabenta. Não estou a dizer que foi o Djambu ou o João Domingos que inventaram a marrabenta. Eles fizeram arranjos significativos, tal como muitos outros conjuntos, mas, repito, não há quem inventou a marrabenta, ela surgiu do povo.

O co-fundador do Djambu refere que Dilon Ndindji foi um grande precursor da marrabenta, não há dúvida, mas a dança dele próprio é «xicuacucua». Segundo ele Ndindji toca perfeitamente bem a marrabenta, mas a dança já não vai de acordo com o que é a marrabenta. Não há quem inventou nada. Nenhum grupo inventou marrabenta. Fazer uma música é fácil, agora fazer uma dança é diferente, não a partir do nada. Estas danças vêm, é certo, de Marracuene, mas ninguém as inventou.

Para Moisés Ribeiro, a questão de Lisboa Matavele, é uma questão «à parte, especial». Matavele tinha o seu clube no Xipamane e tinha também o seu grupo. Diz e em seguida sublinha: Lisboa Matavele e nunca dançou marrabenta na vida dele, sempre dançou «magatsutsa».

De acordo com o mestre do Djambu, as verdades são para serem ditas e não para serem deturpadas. Hoje em dia é tudo uma confusão, por exemplo, a música «xile nkuene», que o conjunto RM toca, é nossa, mas não é só nossa, nós fomos buscá-la em algum lado e fizemos arranjos e, claro, o conjunto RM também fez os seus arranjos.

Portanto, aqui ficam as quatro versões sobre a origem da marrabenta: a do Lisboa Matavele, a de Dilon Ndindji, a de Guideon Matsinhe e, finalmente, a de Moisés Ribeiro do Djambu.

